

cor atiradas à larga para fazer ressaltar o tom de vida...

Ao findar, o *Átomo* exclamava, com a vasta solenidade de um cheio de órgão: — «Assim arrefeceu, parou, aquele coração de herói que eu habitava; e evaporado o princípio de vida, eu, agora livre, remontei aos astros, levando comigo a essência pura desse amor imortal.»

— Então?... — disse Ega, esfalfado, quase trémulo.

Carlos só pôde responder:

— Está ardente.

Depois elogiou a sério alguns lances, o coro das florestas, a leitura do *Ecclesiastes*, de noite, entre as ruínas da torre de Othon, certas imagens de um grande voo lírico.

Ega, que tinha pressa, como sempre, enrolou o manuscrito, reabotoou a sobrecasaca, e já de chapéu na mão:

— Então, parece-te apresentável?...

— Vais publicar?

— Não, mas enfim... — e ficou nesta reticência, fazendo-se corado.

Carlos compreendeu tudo dias depois, encontrando na *Gazeta do Chiado* uma descrição «da leitura feita em casa do Ex.^{mo} Sr. Jacob Cohen, pelo nosso amigo João da Ega, de um dos mais brilhantes episódios do seu livro — *As Memórias de Um Átomo*». E o jornalista acrescentava, dando a sua impressão pessoal: «é uma pintura dos sofrimentos por que passaram, nos tempos da intolerância religiosa, aqueles que seguem a Lei de Israel. Que poder de imaginação! Que fluência de estilo! O efeito foi extraordinário, e quando o nosso amigo fechou o manuscrito ao sucumbir da protagonista — vimos lágrimas em todos os olhos da numerosa e estimável colónia hebraica!»

Oh, furor do Ega! Rompeu nessa tarde pelo consultório, pálido, desorientado...

— Estas bestas! Estas bestas destes jornalistas! Leste? «Lágrimas em todos os olhos da numerosa e estimável colónia hebraica!» Faz cair a coisa em ridículo... E depois a «fluência do estilo». Que burros! Que idiotas!

Carlos, que cortava as folhas de um livro, consolou-o. Aquela era a maneira nacional de falar de obras de arte... Não valia a pena bramar...

— Não, palavra, tinha vontade de quebrar a cara àquele foli-

culário!

— E porque lha não quebras?

— É um amigo dos Cohens.

E foi grunhindo impropérios contra a imprensa, a passos de tigre pelo gabinete. Por fim, irritado com a indiferença de Carlos:

— Que diabo estás tu aí a ler? *Nature parasitaire des accidents de l'impaludisme*... Que *blague*, a medicina! Diz-me uma coisa. Que diabo serão umas picadas que me vêm aos braços, sempre que vou a adormecer?...

— Pulgas, bichos, vérmina... — murmurou Carlos com os olhos no livro.

— Animal! — rosou Ega, arrebatando o chapéu.

— Vais-te, John?

— Vou, tenho que fazer! — E junto do reposteiro, ameaçando o céu com o guarda-chuva, chorando quase de raiva: — Estes burros destes jornalistas! São a escória da sociedade!

Daí a dez minutos reapareceu, bruscamente: e já com outra voz, num tom de caso sério:

— Ouve cá. Tinha-me esquecido. Tu queres ser apresentado aos Gouvarinhos?

— Não tenho um interesse especial — respondeu Carlos, erguendo os olhos do livro, depois de um silêncio. — Mas não tenho também uma repugnância especial.

— Bem — disse Ega. — Eles desejam conhecer-te, sobretudo a condessa faz empenho... Gente inteligente, passa-se lá bem. Então, decidido! Terça-feira vou-te buscar ao Ramalhete, e vamo-nos «gouvarinhar».

Carlos ficou pensando naquela proposta do Ega, na maneira como ele sublinhara o «empenho» da condessa. Lembrava-se agora que ela era muito íntima da Cohen: e ultimamente, em S. Carlos, naquela fácil vizinhança de frisa, surpreendera certos olhares dela... Mesmo, segundo o Taveira, ela realmente «fazia-lhe um olhar». E Carlos achava-a picante, com os seus cabelos crespos e ruivos, o narizinho petulante, e os olhos escuros, de um grande brilho, dizendo mil coisas. Era deliciosamente bem feita — e tinha uma pele muito clara, fina e doce à vista, a que se sentia mesmo de longe o cetim.

Depois daquele dia tristonho de aguaceiros, ele resolvera passar um bom serão de trabalho, ao canto do fogão, no conforto do seu